

tualização da matéria ao mesmo tempo que a uma *materialização do espírito*?

“REVUE CRITIQUE DE PHILOSOPHIE,” — Jan. 39 — **A velha e a nova lógica.** — G. CAPONE BRAGA — Este ensaio é um conjunto de quatro estudos. O primeiro, diz respeito à lógica de Aristóteles considerada no seu aspecto dinamista e evolucionista, tomando a palavra *evolução* no sentido do desenvolvimento de cada ser e do universo em si. A implicação é engenhosamente ligada à passagem da potência ao acto e à tendência do tipo inferior ao tipo superior.

Nêste primeiro estudo encontrámos uma utilidade capital: a reacção contra as simplificações caricaturais ou ingénuas da lógica aristotélica.

O segundo estudo analisa Hegel. A idéia realiza-se *mutatis mutandis* da mesma maneira que o germe vivo produz o seu tipo. Como Boutroux afirmara, Capone vê na Lógica de Hegel uma aplicação nova e audaciosa da lógica de Aristóteles.

O terceiro estudo é uma admirável exposição da doutrina lógica de Meyerson. Em 6 páginas expõe com vigor e clareza não sòmente o essencial do pensamento meyer-soniano como as principais críticas que lhe foram dirigidas.

Na conclusão duas partes: 1.º) a evolução é irreductível a tôda a explicação pela mecânica ou mesmo por um «élan vital» quasi intuitivo e irreflectido: ela supõe um espírito absoluto, inteligente, transcendente que cria não só os seres e os fenómenos mas as suas idéias. 2.º) a lógica para corresponder a uma tal evolução deve apresentar precisamente os caracteres da lógica aristotélica tal como o autor a interpreta e tal qual ela foi confirmada pela lógica hegeliana. A hierarquia do conceito e mesmo a sua permanência no que êles tem de essencial devem ser conservadas. Considerados como actos duma inteligência criadora, os conceitos são vivos e concretos participando um do outro; con-

siderados em função dos sinais que os representam são frios, abstractos. Êstes dois aspectos são absolutamente necessários para o raciocínio, que supõe como o viu Meyerson um movimento contínuo. E' necessário respeitar o princípio da Identidade mas ultrapassar a Tautologia.

A CONCEPÇÃO PLATÓNICA DA FILOSOFIA — (H. GAUS) — Gaus diz-se platónico. Contudo para melhor seguir os ensinamentos do mestre modifica-os. Mas Gaus é também cristão. Logo, embora a Teologia de Platão lhe pareça «evidentemente insuficiente» êle está impregnado «dum espírito profundamente religioso».

Gaus não repara que o que êle expõe e defende é menos a doutrina platónica que um platonismo cristão muito próprio do autor. Mistura duas maneiras de sentir e de pensar que correspondem a aspirações diferentes. Assim fala muita vez de *Transcendência* sem reparar na diferença de acepção entre a Transcendência do platónico e a do cristão.

Além dêste o ensaio é massudo e toma por vezes o aspecto de panfleto em defesa dêsse Platão gaussiano. O rigor da fonte histórica e da crítica não aparece.

ESTRUTURA E REALIDADE — D. W. GOSTSCHLACK — Belo trabalho. Exposição clara das teorias científicas e das exposições de Whitehead, Alexander e Broad. Os problemas da causalidade, substância e relação são nitidamente focados. Aproxima-se em todo o trabalho da doutrina de Whitehead embora usando Terminologia diversa.

EVOLUÇÃO DA NOÇÃO DO TEMPO — Z. ZAWIRSKY — Trabalho muito útil. A extensão do assunto releva algumas lacunas. Expõe a história do problema. Analisa a posição actual. Sem grande originalidade tem sínteses admiráveis dos pensamentos de Bergson, Hurst, Poincaré e Einstein.